O TIME DOS EMERGENTES: (da esq. para a dir.) Dilma Rousseff, do Brasil, Dimitry Medvedev, da Rússia, Manmohan Singh, da Índia, Hu Jintao, da China, e Jacob Zuma, da África do Sul, em reunião dos Brics, em Nova Délhi

Todo poder aos BRICS

BRASIL, CHINA, ÍNDIA, RÚSSIA E ÁFRICA DO SUL TENTAM SUPERAR AS DIFERENÇAS PARA AVANÇAR COMO BLOCO DAS NOVAS SUPERPOTÊNCIAS

Arnaldo COMIN

Passados dez anos do surgimento do acrônimo Bric para definir o peso de Brasil, Rússia, Índia e China no cenário global, a expressão popularizou-se e se tornou uma espécie de síntese das mudanças na economia do planeta. "Quando Goldman Sachs cunhou o termo Bric, não havia a sugestão de que estes países pudessem atuar coletivamente", diz Shyam Saran, membro do Centro de Estudos Políticos de Nova Délhi. "Mas a partir daí eles souberam usar essa atenção internacional para trabalhar em uma agenda de interesses comuns."

Os países dos Brics - o S foi acrescentado com a inclusão da Africa do Sul (South Africa, do inglês) - deram sua primeira demonstração de força logo após o estouro da crise financeira global de 2008, quando ficou claro que os emergentes teriam um papel importante no combate aos problemas enfrentados nos Estados Unidos e na Europa. "A maior ação conjunta feita por eles foi o aporte inédito de US$ 80 bilhões no Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2009, para minimizar o contágio da crise sobre os países emergentes", afirma o ex-embaixador e ex-ministro da Fazenda do governo do presidente Itamar Franco, Rubens Ricupero.

No final de 2010, durante a cúpula do G20, grupo que reúne as 20 economias mais importantes do planeta, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, dominou a agenda do fórum ao expor a "guerra cambial" que estava minando a competitividade de países distantes do

epicentro da crise, num recado direto aos Estados Unidos. Não mais visto como mera potência regional, o Brasil dava o recado de que se fazia urgente uma reforma nas instituições econômicas globais. Durante a 4ª Cúpula dos Brics, realizada em março, em Nova Délhi, com a presença da presidenta Dilma Rousseff, o governo indiano reforçou o discurso ao lançar a proposta de um banco de fomento financiado pelos Brics. "O governo indiano apoia fortemente essa ideia", diz Saran, do Centro de Estudos Políticos de Nova Délhi. "Se os esforços dos quatro países em ganhar voz no FMI e Banco Mundial não forem adiante, o banco pode ser uma alternativa importante de suporte técnico e financeiro às economias emergentes."

NOVA FRONTEIRA: em 2003, a China já caminhava para ser o principal parceiro comercial do Brasil

Do ponto de vista econômico, a locomotiva dos Brics permanece sendo a China, dentro e fora do bloco. Em março de 2003, a DINHEIRO registrou essa tendência de integração na reportagem de capa "China, a nova fronteira do lucro para o Brasil". De lá para cá, o avanço é mais visível em números. Em 2009, a China ultrapassou os Estados Unidos como o maior parceiro comercial do País. No ano passado, a corrente de comércio bateu o recorde de US$ 64,4 bilhões. O peso chinês nas vendas externas do Brasil foi de 17,3%. Há dez anos era de apenas 3%. "Grande parte do crescimento do Brasil se deve à China e, mesmo ameaçando a nossa indústria, eles são mais parte da solução que do problema", afirma Ricupero. Por outro lado, o professor Yongjin Zhang, da Universidade de Bristol, na Inglaterra, destaca o papel de independência do Brasil dentro do clube. **"Há diferenças históricas entre China, Rússia e Índia na Ásia Central", diz Zhang. "O Brasil é visto pelo governo chinês como um importante aliado em potencial nos organismos globais."**

Os indianos também vêm aumentando rapidamente sua corrente de comércio com o Brasil, que cresceu 20% no ano passado e fechou em US$ 9,28 bilhões. "O comércio bilateral era de US$ 3 bilhões em 2007 e a meta é chegar a US$ 15 bilhões em 2015", afirma Saran. "Os dois países estão trabalhando em colaboração em áreas estratégicas."

O maior desafio dos cinco países agora é cristalizar sua unidade nos fóruns globais, considerando as diferenças políticas e econômicas. Mas a simples discussão de alternativas às organizações tradicionais - e a pressão para aumentar sua influência sobre europeus e americanos - mostra que os Brics já são muito mais que um baralho de letras. "Ainda é cedo para dizer que os Brics estão coesos, mas sem dúvida formam um bloco em plena construção", diz Zhang.

O PAI DO TERMO: Jim O'Neill, do Goldman Sachs, criou a sigla Bric. Ele não imaginava, na ocasião, que o grupo teria poder político e econômico

SOMA DE GIGANTES

BRICS NA ECONOMIA MUNDAL (PIB EM US$ TRILHÕES)

BLOCO	2011	% NO TOTAL
MUNDO	68,65	100
NAFTA*	17,92	26,01
UNIÃO EUROPEIA	17,57	25,59
BRIC	13,3	19,37

PAÍS		
ESTADOS UNIDOS	15,09	21,98
CHINA	7,29	10,61
JAPÃO	5,86	8,53
ALEMANHA	3,57	5,2
FRANÇA	2,77	4,03
BRASIL	2,49	3,62
REINO UNIDO	2,41	3,51
RÚSSIA	1,85	2,69
CANADÁ	1,73	2,52
ÍNDIA	1,67	2,43

EVOLUÇÃO DO PIB

POR PODER DE PARIDADE DE COMPRA (PPP) DO BRIC EM 15 ANOS (EM US$ TRILHÕES)

PAÍS	1997	2002	2007	2012**
CHINA	2,28	3,7	6,99	12,3
BRASIL	1,12	1,33	1,83	2,48
ÍNDIA	1,21	1,71	2,98	4,82
RÚSSIA	0,96	1,28	2,08	3,09

Fonte: Fundo Monetário Internacional
*Estados Unidos, Canadá e México
** Previsão

POPULAÇÃO (EM MILHÕES)

	HABITANTES	POSIÇÃO GLOBAL
MUNDO	7.017	
CHINA	1.347	1º
ÍNDIA	1.210	2º
BRASIL	192	5º
RÚSSIA	143	8º
BRIC	2.892	

Fonte: ONU

Material utilizado para fins educacionais. Proibida a reprodução sem autorização.

Fonte: Istoé Dinheiro, São Paulo, ano 15, n. 766, p. 80-81, 13 jun. 2012.